

ORLANDO RIBEIRO HUMANISTA*

ILÍDIO DO AMARAL¹

I. O HUMANISMO ESSENCIAL DE ORLANDO RIBEIRO

Começo com um excerto de *Ciência e Humanismo. Reflexões sobre uma experiência*, 1983, de que o Mestre teve a gentileza de me oferecer, em fotocópia, as primeiras provas tipográficas por si revistas, com a seguinte dedicatória: “Ao Ilídio, companheiro de trabalho e de ideários”, a que juntou uma frase de Eugénio de Castro, “silva esotérica para os raros apenas”, e finalizou com “pelos 73 anos do velho e sempre amigo, Orlando”.

“Ao meu humanismo essencial (um colega generoso disse que eu era dos últimos geógrafos humanistas e o mais humanista de todos – generosidade que a consciência das próprias limitações toma por exagero!) – juntei a estranha vocação de naturalista: isto é, de amator e observador escrupuloso da natureza”.

Orlando Ribeiro licenciou-se em Ciências Históricas e Geográficas, quando os dois ramos de conhecimento estavam intimamente ligados, com a Geografia transformada numa espécie de parente pobre, mero acólito da História. Ao findar os estudos universitários balançou entre os dois ramos do saber. Acabou por dar preferência e profunda dedicação ao segundo – o da Geografia, de que se tornou Mestre incontestado não apenas no seu país como lá fora – sem contudo deixar de dar valiosas contribuições à História. A Escola que fundou, a Escola geográfica de Lisboa, e não só, que soube guindar a altos padrões científicos, sobrevive e sobreviverá ao seu desaparecimento físico, porque jamais se apagarão dos nossos espíritos os seus ensinamentos.

Pelo seu “humanismo essencial”, por vezes petrarquiano, dono de vasta formação cultural que abrangia o conhecimento das obras clássicas e o saber científico, mereceu ficar na galeria de vultos renascentistas, não somente na

* Texto de uma conferência integrada num ciclo em torno da obra de Orlando Ribeiro, que teve lugar na Biblioteca Orlando Ribeiro, a 17/12/05. Recebido: 17/09/2007. Revisto: 23/01/2008. Aceite: 05/03/2008.

¹ Geógrafo. Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Lisboa. Colaborador do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa. Membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa de História. E-mail: idoamaral@hotmail.com

forma de definição tradicional da Renascença quinhentista e seiscentista, mas no humanismo actual que se reclama de certos valores fundamentais numa civilização onde se acentua o atraso da cultura em relação ao progresso de uma técnica em que aquela fica frequentemente marginalizada. E talvez ainda pior, quando as culturas estão ameaçadas pelo *tsunami* da globalização. Aqui apetece citar o genial Mahatma Gandhi quando, em 1921, numa altura que ainda não se usava a palavra globalização, defendia a sua cultura do seguinte modo: “Não quero que a minha casa seja cercada de muros por todos os lados, nem que as minhas janelas sejam tapadas. Quero que as culturas de todas as terras sejam sopradas para dentro da minha casa, o mais livremente possível. Mas recuso-me a ser desapossado da minha por qualquer outra”.

Orlando Ribeiro estava aberto a todos os modernismos epistemológicos e atento às várias escolas de pensamento, mas a sua aceitação dependia de reflexão ponderada. Gostava de dizer que aprendia muito com os alunos e com os que se iniciavam com ele na investigação geográfica. Por exemplo, confessa-o claramente quando, acerca da inovação trazida pela tese de doutoramento de Jorge Gaspar, *A Área de influência de Évora*, 1972, registou que fora também para ele “uma iniciação em métodos” que, se não praticava, aceitara “como válidos”, mostrando assim uma abertura de espírito e o desejo sincero de não impor a ninguém os “modelos” da sua predilecção. Na verdade, teria preferido que Jorge Gaspar desse tratamento monográfico clássico àquela cidade e à sua região mas, depois de o ouvir sobre os novos métodos e de aturada reflexão, aceitou o desafio.

Em relação ao estruturalismo, recordo o que escreveu a propósito da tese de doutoramento de Teresa Barata Salgueiro, *Mercado de habitação e estrutura urbana na área suburbana de Lisboa*, 1985: “considero o estruturalismo, tão em voga nas ciências físico-naturais como em certos ramos das ciências humanas, um excelente instrumento” de análise, “se não fosse a perigosa falácia da auto-regularização em que assenta”, e recomendou à autora que lesse, do filósofo, escritor e político Prof. Francisco Vieira de Almeida, *Ordo idearum... Ordo Rerum* (1937). Também com o igualmente saudoso Prof. Manuel Viegas Guerreiro, entusiasta do estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, discutia sobre as virtudes e desvirtudes de tal linha de pensamento analítico e recomendava-lhe ponderação.

Acompanhou de perto os debates sobre o padrão trimodal de ciências naturais, ciências sociais e humanidades, imperante nos anos de 1940 e 1950, e a queda progressiva das fronteiras entre elas, até no interior das próprias ciências sociais, mesmo as que mais se defendiam de nomotéticas (Economia, Sociologia, Ciência Política), querendo assim distinguir-se das ideográficas (História, Antropologia, Geografia) Cultivando com mestria uma ciência de encruzilhada, como a Geografia, com as suas vertentes física e humana, interligadas, Orlando Ribeiro foi um vanguardeiro.

Defendeu que a maioria das Humanidades, se não todas, devia adquirir direitos de cidadania no cenáculo das ciências, passando a Ciências Humanas,

como se pode ler na 1.^a Parte de *A Universidade em crise*, 1976, “Para a organização dos estudos superiores de Ciências Humanas”. Neste texto, que corresponde ao Relatório de uma Comissão de docentes nomeada em 7 de Setembro de 1970 para coligir informação relativa à Reforma das Faculdades de Letras, põe em causa a realidade e validade da distinção rígida entre ciências naturais, ciências sociais e ciências humanas.

A sua vasta obra, iniciada em 1934 com a publicação do primeiro texto, “Geografia Humana”, em *Medicina. Ciências Médicas e Humanismo*, da Associação de Estudantes de Medicina de Lisboa, revela bem esse espírito. Destaco *Originalidade da Expansão Portuguesa*, na belíssima edição de João Sá da Costa, 1994, profusamente ilustrado, conjunto de textos escritos em vários anos, imagens a preto e branco e a cores, com organização e legendas de Suzanne Daveau.

Na parte final do último texto o autor sublinhou o carácter do seu “humanismo científico, através de métodos objectivos de uma ciência ao mesmo tempo de base e de convergência, que considera o homem no mundo e no tempo e, a partir das suas necessidades materiais, se eleva às supremas criações do espírito; exemplo do amor e da emoção com que, tratando de coisas vivas, procuro que elas não morram ao transferi-las para as aulas e para o papel”.

Acerca da importância do “ensino integrado e orgânico das Ciências Humanas” Orlando Ribeiro foi categórico em artigo de Maio de 1974: “uma escola... sem esse espírito não passa de uma instalação material e de um ajuntamento heteróclito de pessoas”. Cerca de dez anos mais tarde, numa espécie de introdução ao que poderiam ser as suas *Memórias*, declararia que “certo de que” a sua “posição, não ambígua, mas ambivalente, entre o Humanismo e a Ciência” era, “de certo modo, ímpar, à míngua de lhe indicar quem pudesse fazê-lo”, ele próprio resolvera “tentá-lo, numa altura da vida em que declinam não as faculdades criadoras mas a força para exercitá-las, e o homem propende gostosamente a reviver o passado”. E terminou as suas reflexões do seguinte modo: “e assim, naturalista e humanista, sempre usei daquela verdade que manda Deus que se diga, agrade ou não aos homens acomodaticios e à inépcia dos que governam. Não há liberdade sem coragem, mas esta começa ao defender das contingências de momentos conturbados aquilo que a um espírito recto e justo se afigurou tocar de muito perto a boa exactidão das coisas e do pensamento”.

Se na primeira metade do século XX houve grandes realinhamentos, a questão que agora se põe é de saber se neste início do século XXI haverá ou não movimentos semelhantes. As convergências entre ciências naturais e ciências sociais tornaram-se maiores se considerarmos que ambas se ocupam de sistemas complexos, ou seja, de sistemas em que os desenvolvimentos futuros resultaram de processos temporalmente irreversíveis. Há quem defenda que se rompa completamente com as disciplinas tradicionais, de preferência a permanecer nas suas franjas, propondo a adesão a uma nova heterodoxia assente em referentes espaciais de âmbito global. Abrem-se novas vias de diálogo entre as disciplinas existentes e para além delas. Vimos de um passado social feito de certezas conflitantes entre si – certezas relacionadas com a ciência, com a ética ou com os

sistemas sociais – e achamo-nos num presente caracterizado por grandes questionamentos, os quais incluem o da possibilidade intrínseca de se possuir certezas.

De 2004 é uma obra de síntese original, densa e perturbadora, sobre os problemas humanos do tempo presente, que interessará a todos aqueles que procuram decifrar as mutações sociais e culturais contemporâneas: Yves Bonny, *Sociologie du temps présent. Modernité avancée ou post-modernité?*. A pós-modernidade revelou práticas pluridisciplinares ou interdisciplinares, muitas vezes justamente no cruzamento das ciências naturais com as sociais e as humanas. E o cruzamento de fontes e a interdisciplinaridade só por si chegam quase a constituir fontes específicas que suplantam a disparidade de metodologias próprias de cada disciplina e a influência de hábitos particulares em que se acham enquistados os próprios investigadores, zelosos de manterem uma espécie de soberania territorial epistemológica.

II. ORLANDO RIBEIRO, AMANTE DE POESIA E DE MÚSICA

Novamente vou utilizar excertos da mesma obra de Orlando Ribeiro indicada no começo desta minha homenagem ao Mestre e Amigo.

“Não sei Matemática nem tirei proveito daquela que, por esforço de formação, estudei com um colega com quem trocava lições de História, ao nível do 7.º ano do liceu. Mas também não sei grego nem música e sinto que estas lacunas fazem mais falta à minha formação.”

“Ocorrem-me três cumes de toda a expressão musical, a *Ária da Suite em Ré Maior*, de Bach, o *Molto Adagio* do *Quarteto op. 172*², de Beethoven (“Canção de agradecimento de um convalescente à Divindade em modo lídio”) e o *Adagio* da 7.ª *Sinfonia* de Anton Bruckner “*sehr feierlich und sehr langsam*“, isto é, “muito solene e muito lento” – denotando a inspiração do *adagio* da 9.ª *Sinfonia* de Beethoven) que na compreensão incompleta de quem não é músico, tentei interpretar poeticamente”.³

“É qualquer coisa de arpepiadamente exacto e subtil – qualquer coisa que só o Poder divino é capaz de insuflar, quase para além do humano e, no entanto, terrivelmente sentido por um Espírito exigente e dúctil. Ignoro se nas Ciências chamadas exactas é possível chegar tão alto e fundo. Mas, “como o canteiro de uma catedral se transpõe com aferro para a equanimidade da pedra” (Rainer Maria Rilke), forçando as palavras, tratando-as como o nosso Vieira, com respeito, com exactidão, com subtilidade, talvez seja possível alcançar estas sublimidades de sentimento e expressão”.

² Aqui há certamente uma gralha tipográfica, pois devia ser *opus* 127, o 12.º Quarteto, em Mi bemol maior e *Adagio ma non troppo e molto cantabile*.

³ Efectivamente, entre os seus poemas inéditos há um bastante longo dedicado a Bruckner e outro a Beethoven.

Orlando Ribeiro, grande admirador dos poetas, tinha nítidas preferências. Começo por referir Johann Wolfgang Goethe sobre quem, em 1932, ainda estudante universitário, no ano do centenário da morte dessa ilustre personagem, proferiu a primeira conferência de um ciclo organizado na Faculdade. E repete essa admiração várias vezes, como num artigo de homenagem à poetisa galega Rosalía de Castro, dedicado também ao dermatologista Professor Juvenal Esteves, seu grande e velho amigo, destacando a dedicação e comunidade de gostos, desde o estudo do árabe à música e o quanto devia às suas “artes” com que o aliviava “de tantas mazelas”.

Em 1927, ainda estudante de liceu, com 16 anos, teve a revelação da poesia de Rosalía de Castro e, depois disso, nunca deixou de a reler. Já na velhice, “para aproveitar os ócios”, pensava escrever “sobre duas vidas, uma da excelsa galega e a outra sobre Goethe”, estando “a gestação desta mais adiantada”. Tendo-os entre as suas preferências, não deixava de reconhecer as diferenças entre o “Olímpico, grande em toda a criação literária e no pensamento científico e filosófico, e a doce e íntima Rosalía”. Goethe, além de poeta fora cientista, contribuindo com uma teoria das cores, em oposição à de Newton, e com ideias sobre a evolução das espécies, numa antecipação do evolucionismo de Charles Darwin.

E de Rosalía de Castro percorria muitas vezes *Cantares Gallegos*, hino de alegria de uma jovem feliz, bem enraizada no seu povo, escritos com simplicidade rítmica pura e de intenso lirismo, e *Folhas Novas*, num tom mais elegíaco e íntimo, ensaios métricos e estróficos mais complexos e originais. De *Folhas Novas*, nas nossas viagens de estudo pelo País, ao passarmos por aldeias portuguesas esvaziadas de jovens, emigrados para outras paragens, nomeadamente a França, quantas vezes lhe ouvi recordar os versos de Rosalía: “Este vai-se e aquele vai-se/ e todos, todos se vão/ Galiza, sem homens ficas/ que te possam trabalhar”.

É claro que o meu Mestre também tinha muito apreço pela poesia portuguesa, de Camões – *Os Lusíadas*, que ele citava frequentemente, tendo dedicado alguns estudos a partes do grande poema, e os *Sonetos* – a Fernando Pessoa, da “Mensagem” e do “Cancioneiro” – “O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente.” (*Autopsicografia*) –, e aos seus heterónimos, fosse Alberto Caeiro, “O guardador de rebanhos”, “Eu nunca guardei rebanhos, mas é como se os guardasse...”, fosse Álvaro de Campos, “A natureza é partes sem um todo. Isso é talvez o mistério de que falamos...”, fosse Ricardo Reis e ainda Bernardo Soares, o do *Livro do Desassossego*, em prosa sedutora quanto basta, uma espécie de diário íntimo de um ajudante de guarda-livros em firma de Lisboa, feito de impressões, devaneios, apontamentos, entre a poesia do quotidiano mais banal e a reflexão metafísica. Verdadeiramente perturbador. Aí se refere, entre tantas e tantas coisas, a “um hábito de música ou de sonho, qualquer coisa que faça quase sentir, qualquer coisa que faça não pensar”.

Naturalmente havia aqueles menos amados, como deu a entender, por exemplo, acerca de Guerra Junqueiro, no seu artigo já mencionado dedicado a Rosa-

lia de Castro, ao chamar-lhe “um dos mais retóricos e balofos ultra-românticos, de inspiração mais pobre e convencional do que a de Curro Henriquez” outro poeta galego.

E ficamos a pensar porque aplicara tais epítetos ao poeta celebrado de *Os Simples* (1892), obra de feição cosmogónica de celebração do natural, de várias *Orações*, da *Morte de D. João* (1874), da *Velhice do Padre Eterno* (1885) ou do longo poema *Pátria* (1896), de uma sociedade ancilosada num país moribundo, sempre adiado? Por muitos ilustres autores Guerra Junqueiro foi tido como um nome grande: Fernando Pessoa considerava-o o “maior poeta de todos os poetas portugueses”, indo ao ponto de acrescentar que desalojara “Camões ao publicar *Pátria* em 1896” e que a *Oração à Luz* tinha sido “a maior realização metafísica desde a *Ode* de Wordsworth”, referindo-se ao poeta inglês William Wordsworth, autor, juntamente com Samuel Taylor Coleridge, das célebres *Baladas Líricas* (1798), verdadeiro manifesto do romantismo inglês, onde é rejeitada a fraseologia hiperbolizada, pela adopção do pitoresco da língua quotidiana. Aquilino Ribeiro admirava-o, tratando-o por “digno camarada de letras”. E *A Velhice do Padre Eterno* fora o pomo da polémica desencadeada em 1950, por ocasião das comemorações do primeiro centenário do nascimento do poeta, envolvendo o governo e a oposição, a igreja e os monárquicos, os “seareiros” e os integralistas, várias instituições e figuras públicas, entre as quais Aquilino Ribeiro, polémica exacerbada pela discussão em torno da suposta conversão religiosa do poeta ao Deus católico momentos antes de morrer. Sobre isso o padre Moreira das Neves diria: “Há quem diga que sim e há quem diga que não. Eu não nego, nem afirmo”. Evidentemente que para ler Junqueiro é preciso, como para ler os inovadores de génio, estar-se dentro da sua maneira de ver, do seu modo de interpretar e explicar o universo, da sua relação com a religião.

Orlando Ribeiro tentou ser poeta. Sempre gostou de rimar, por vezes de plena paródia, para animar os amigos. Eu mereci algumas das suas rimas, de que reproduzo um exemplo (fig.1) do documento original.

Divertia-se, juntamente, com Vitorino Nemésio, em almoços sob o parreiral do “Quebra Bilhas”, em verdadeiros despiques de recordações dos romances de cordel do nordeste brasileiro de que ambos muito gostavam. Mas, para além disso, havia os ensaios poéticos laboriosamente trabalhados como: “Por uma ascese longa e dolorosa, / a alma lentamente se despoja / de amor e ódio, / de dor e de alegria, / como uma árvore a que o Verão crestou as folhas. / Assim, serena e nua / mas amputada de tudo o que é humano, / ela flutua à tona do oceano / que a mão de Deus desdobra. / Senhor, se para ver a tua face / é preciso deixar o barro impuro / de que generosamente me criaste / – eu não verei jamais a tua face” (intitulado “Ária da Suite em Ré. J. S. Bach”, publicado na secção de “O tempo e a música” da revista *Critério*, Lisboa, 4, 1976, p. 42).

Como na Suite em Ré Maior de J. S. Bach, a 6.^a, para um instrumento de cinco cordas, os versos de Orlando Ribeiro seduzem pelo encadeamento, nobre e delicado, pela eloquência e ternura, pela sonoridade harmoniosa. Entre os seus inéditos conta-se mais de uma centena de poemas, muitos dos quais relacionados

Ilídio do Amaral
 Toma pose de doutor
 E ar de intelectual
 Perdido em locuções
 Sobre ilhas e vulcões
 E tanta cogitação
 Atasa-lhe a digestão
 E as malitas lhe agrava,
 Fecha o estôjo professor
 Venha com estas donzelas
 - Por isso suspiram elas -
 Para se divertir à brava.
 Ninguém diz nada a ninguém
 P'ra q' tudo acabe em bem

OR

Lisboa, 1964

Fig. 1 - Rimas dedicadas a Ilídio do Amaral por Orlando Ribeiro.
 Fig. 1 - Poem dedicated to Ilídio do Amaral by Orlando Ribeiro.

com efeitos colhidos da audição de peças musicais, alguns dedicados a Anton Bruckner, “cujas *sinfonias*” escutava “com o maior cuidado”, pois lhe diziam muito. Compreende-se bem essa entrega se recordarmos que Bruckner, criticado na sua época, viria a ser considerado como compositor genial de uma música toda ela entregue à Natureza benigna, numa atitude de grande admiração e de infinito agradecimento.

Percebi isso num dia em que lhe mostrei um texto de Ricardo Capell, conceituado musicólogo e crítico, que comparava a vivência transmitida pela música bruckneriana com a experiência colhida “num passeio, numa excursão”, de “acumulação de repetidos panoramas tão grandiosamente belos”, carecidos de serem “contemplados muitas vezes”, para justa assimilação, no trajecto pelos “sinuosos caminhos da montanha”. Não seria, propriamente, mais uma paisagem ou um novo panorama, senão a “fruição acumulada” daquilo que já fora visto e que, finalmente, “provoca todo o entusiasmo que o coração pode oferecer”.

Embora a música de Bruckner tivesse atingido a sua máxima grandeza na 9.^a Sinfonia, composta sob a égide da 9.^a de Beethoven, não admira que Orlando Ribeiro se sentisse mais sensibilizado pelo *Adagio* da 7.^a, em mi maior, ponto central da obra, com um desenvolvimento tão grande como o de uma sinfonia dos tempos clássicos, maravilhosa elegia com um quarteto de tubas wagnerianas, numa homenagem a Wagner, quando soube da sua morte eminente.

Na prosa, não lhe escapou o desejo de escrever um romance. Ele próprio o confessou, em texto de abertura do livro reunindo trabalhos inéditos e dispersos da historiadora Maria José Lagos Trindade, publicado em 1981, após a sua morte. Tal projecto fora “amolecendo há vinte anos”, mas “as drásticas prioridades da arteriosclerose” tinham levado a “sacrificá-lo à derradeira arrumação” das suas “obras científicas”. Se na poesia pode libertar a sua alma e fazê-la pairar no éter, para a ficção romanesca dificilmente conseguia desprender-se das suas amarras a bases científicas. *Raiz* seria o título escolhido para o romance.

Orlando Ribeiro lia muito. Camilo, Eça, Aquilino (achava divertido o seu vernáculo), Torga e tantos, tantos outros, portugueses e estrangeiros (Marcel Proust e a interminável *À Procura do Tempo Perdido*), dos antigos aos modernos, a lista é enorme. Sobre alguns escreveu notas magníficas, de que cito os exemplos de três romances insulares: o *Chiquinho*, “páginas de trágica sobriedade” sobre as secas e fomes nas ilhas de Cabo Verde, do caboverdiano Baltazar Lopes, a quem, por sua interferência, a Universidade de Lisboa concedeu o grau de Doutor *Honoris Causa*; *Mau Tempo no Canal*, “romance rico, complexo, ensilvado e difícil como uma mata de incenseiros das ilhas açorianas”, do açoriano Vitorino Nemésio, seu amigo e colega; e *Ilhéu de contenda*, com “finas análises de estrutura social” da ilha do Fogo, do caboverdiano Henrique Teixeira de Sousa.

Voltando a Goethe, recordado também pelo seu papel no movimento literário *Sturm und Drang* (1770-1785), o maior poeta de língua alemã e um dos maiores da literatura europeia – *Werther*, *Fausto*, etc. – a par de Homero, Virgílio, Dante, Shakespeare e Camões, a todos Orlando Ribeiro admirava igual-

mente. Deliciava-se também com a poesia de Johann Friedrich Hoelderlin (1770-1843), difundida entre nós pelas excelentes traduções de Paulo Quintela, Professor de Filologia Germânica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e grande animador do Teatro Estudantil da Universidade de Coimbra. Agradava-lhe Hoelderlin e a sua comunhão íntima com a natureza, presente em toda a sua obra, os hinos aos ideais da humanidade e o seu ideal helenístico, que o aproximava muito dos clássicos. E ainda merece referência Johann Friedrich Schiller (1759-1805), outro membro do grupo “Sturm und Drang” que, depois de Goethe, era a figura mais célebre das letras alemãs.

É de Schiller a célebre *An die Freude* (mais conhecida por “Ode à Alegria”, ou “Hino à Alegria”) – “Meus irmãos ou amigos, deixemos de nos queixar!/ Que um grito de alegria eleve aos céus os nossos cânticos de festas, mais cheios de alegria!/ Procurai nos céus o Criador...” –, Ode sobre a qual Beethoven foi construindo, entre 1792 e 1823, esse monumento musical que é a sua 9.^a *Sinfonia, em Ré menor*, de grandiosidade orquestral e coral, com quatro solistas (as vozes inesquecíveis de Schwarzkopf ou de Gundula Janowitz, as direções de orquestra de Furtwaengler ou de von Karajan). Acabou-a quando estava surdo e solitário. Tem-se lido nela um símbolo da Revolução Francesa, ou de revoluções, símbolo de uma Europa unida, advento de uma religião tolerante, de uma república platoniana ou, simplesmente, mensagem de alegria e de liberdade à humanidade. Terá a 9.^a Sinfonia um fim? Para lá da ressonância dos últimos acordes temos de retomá-la indefinidamente; ela não é um monumento fechado, que se acaba nela própria, mas um pórtico aberto para o futuro dos homens, um símbolo do desafio perpétuo do espírito criador. Não deixa de ser interessante recordar que a *Ode* não foi realmente dirigida à *Alegria*, mas sim à *Liberdade* (*die Freiheit*). A troca ficou a dever-se a pressões políticas sobre Schiller.

O gosto de Orlando Ribeiro pela boa música vinha de longe, como testemunham as suas confissões em *Meio século de estudos geográficos*, 1962-1963, e em *Cinquenta anos de vida científica e universitária*, 1986. Ainda estudante do liceu não perdia os concertos nos coretos, “ia com alguns colegas ao pátio do quartel da Guarda Republicana” para ouvir a Banda tocar; estrear-se em Wagner, “o prato de resistência mesmo em concertos sinfónicos”, “em sinfonias de Mozart e Beethoven”, muitas vezes acompanhado pelo seu grande amigo Juvenal Esteves, pagando “os 15 mil réis do *promenoir* com moedas de tostão”, o que irritava o bilheteiro! Mais tarde, com o seu professor invisual Manuel Ramos, mestre que muito admirava, continuou a frequentar concertos, conheceu o maestro Pedro de Freitas Branco, ouviu várias vezes o talentoso pianista Vianna da Motta tocar Liszt, Beethoven, Chopin, frequentou o São Carlos, graças à amizade de Fernando Lopes Graça e de Francine Benoit, ouviu Oscar Fried e, para além de tudo, Béla Bartók a executar “a parte de piano da sua admirável *Rapsódia Húngara*”, querendo referir-se, certamente, à *Rapsódia para Piano e Orquestra*, que tem uma veia pseudo-húngara sob a influência lisztiana. Durante o tempo de leitorado e frequência assídua de cursos de Geografia em Paris, e

pela vida fora, Orlando Ribeiro manteve a sua melomania. E foi exactamente num concerto no cinema Tivoli, em Lisboa (ainda não existia a Fundação Calouste Gulbenkian), que vi, pela primeira vez, aquele que viria a ser meu Professor, Mestre e Amigo.

Orlando Ribeiro tinha Beethoven como um dos seus preferidos, juntamente com Vivaldi, Bach, Haydn e Mozart. Em 1985, aquando da última lição de Jaime Celestino da Costa, seu amigo desde a infância e distinto cirurgião, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, recordou os tempos do seu leitorado em Paris e como, na companhia deste amigo e do pai dele, Augusto Celestino da Costa, seguiu, naquela cidade, a audição integral dos Quartetos de Beethoven, interpretados por um excelente grupo de cordas. Voltaria a ouvi-los noutros momentos, considerando que, na sua opinião, eram igualáveis às *Suites para violoncelo solo* de Johann Sebastian Bach, na interpretação insuperável de Pablo Casals, que “explorava a fundo, no período de uma intensa criatividade da velhice”. Até nos últimos tempos, com doença grave e audição deficiente, como o grande Mestre compositor, tolhido na sua casa de Vale de Lobos, mais sentia do que ouvia “a leve ironia do *Scherzo*, o trágico desgarre do *Adagio*, a doce melodia do *Andante* e a energia do *Alegro* e do *Presto*”, sem dúvida os movimentos mais fascinantes, palavras suas de síntese que se referiam, certamente, ao 3.º e ao 4.º Quartetos, em Ré maior e em Dó menor, tidos durante muito tempo como os melhores, e que o terão fascinado pela sensação de redescoberta, de propriedade pessoal.

Mas o gosto pela música não se ficou pela audição de grupos e orquestras. Ainda leitor em Paris organizou um concerto num anfiteatro da Sorbonne, em comemoração do centenário de Gil Vicente, cujos Autos ele conhecia bem, convidando três portugueses, dois compositores e pianistas, sendo um deles Jorge Croner de Vasconcelos, seu contemporâneo na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e uma cantora lírica. Muitos anos depois, numa sala do Centro de Estudos Geográficos -Instituto de Geografia, já no edifício actual da Faculdade de Letras, durante um ano organizou sessões de música clássica para os seus colaboradores (assistentes e bolseiros), entre os quais eu me incluía, com discos da sua colecção, da minha e de outros que lhe emprestava o “pai” Celestino da Costa, tocados num gira-discos adquirido com contribuições várias. Claro que imperavam Mozart e Beethoven.

Outra obra beethoviana que lhe tocava muito era a *Missa Solene em Ré maior* (1819-1823), concebida como um drama da alma, para grande orquestra, coro, violino solo e quatro solistas cantores, de proporções colossais pela força do seu tempo musical, impossível de ficar encerrada no espaço fechado de uma igreja. Toda a inspiração da *Missa* se poderá conter em quatro palavras: *Mensch, hilf dir selbst* (Homem, ajuda-te a ti próprio). A fé que ela exprime é, antes de tudo, a confiança na vontade e na bondade humanas. Se Klemperer e von Karajan imprimiram interpretações vigorosas e arrebatadoras, por vezes demasiado fortes, a grandes orquestras e solistas, mais recentemente, em disco deste ano, da colecção discográfica da “Harmonia mundis”, Philippe Herreweghe dá um

Beethoven nem radical nem exclusivo mas vibrante, com uma unidade dramática de rara beleza.

É longa a lista das preferências musicais de Orlando Ribeiro, que vão até Manuel de Falla e a Igor Stravinsky. Mas não foi sensível aos modernismos vanguardistas de Stockhausen, de Xenakis ou do nosso Jorge Peixinho. Deste, não sei se chegou a ouvir com atenção o disco intitulado CDE, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa (violino, clarinete, violoncelo e piano), projecto realizado em 1970, mas com edição discográfica em 1974. No acto de composição, para evitar os rigores da crítica regimental, Peixinho foi dizendo que as letras C, D e E correspondiam à designação das notas na terminologia germânica, o que era uma meia verdade (realmente, o Dó é C, o Ré é D e o Mi é E), porque, na realidade, tratava-se de uma “obra como afirmação de solidariedade” do compositor “a um movimento de consciencialização e desmistificação política”: a CDE. Jorge Peixinho usou elementos bastante dispare, figuras simbólicas baseadas, muitas vezes, em nomes como Guevara e conceitos como liberdade, novas concepções de polifonia, etc., que pouco tinham a ver com as obras dos compositores ditos clássicos. Nisto fica a relatividade do “clássico” *versus* a do “moderno”.

Orlando Ribeiro exprimiu claramente a importância da música e da poesia na sua vida e obra. Segundo ele, “o ritmo de exactidão e de rigor, que tempera a imaginação criadora, captando o rico cromatismo das paisagens e a subtilidade com que se harmonizam os seus elementos” haurira-o “da música, da poesia e de todo o ritmo da criação artística”. Elas tinham animado “as minhas obras de geógrafo e a larga difusão que têm alcançado nas três línguas em que redijo e naquelas em que fui escrupulosamente traduzido”.

Recordo mais uma vez Goethe, ao dizer que só quem sabia música podia verdadeiramente compreendê-la, a que Orlando Ribeiro acrescentou, em Agosto de 1985, que “mais de 60 anos de audição de concertos e uns 450 (discos) que vario na tranquilidade campestre de Vale de Lobos, apuraram-me o ouvido e a sensibilidade e creio que transpus a subtilidade e exactidão da música para as exigências de rigor e de imaginação indispensáveis em qualquer campo da ciência”.

Era super-sensível a outros domínios artísticos: o teatro, a pintura e a escultura, a arquitectura, o artesanato, etc. Na sua companhia percorri, por exemplo, os museus parisienses, sobretudo o Louvre e o Jeu de Paume, calmamente, atento às palavras de tão ilustre guia. Diante dos impressionistas, como Manet, Monet, Van Gogh e tantos outros, dissertámos sobre os conceitos de “paisagem”, que eles se recusaram a ver como objecto imutabilizado na fotografia, para substituir isso pela análise sensorial de formas em evolução constante, sobre a utilização das cores em novas paletas cromáticas e composições caleidoscópicas, sobre a distorção de figuras humanas para se penetrar no complicado jogo de inter-relações de aspectos físicos e mentais, etc. Reagia iradamente quando via a incúria com que eram tratados monumentos, quadros e outras peças do património cultural do país. Emocionava-se no último dia de excursão grande de finalistas, com

programa de trabalhos de campo intensivo, prática corrente até bastante tarde, ao receber deles a tradicional candeia artesanal, dado o seu significado muito particular: ela simbolizava a luz que o Mestre transmitia aos seus discípulos; e eles garantiam que fariam o mesmo, perpetuando-se assim a chama viva da Geografia.

Quanta coisa fica por dizer do Humanista! A limitação do espaço, porém, obriga-me a fechar o rosário de recordações. E faço-o, por um lado, com a reprodução dos primeiros versos da *Ode ao Espírito*, poema do Mestre, escrito em Vale de Lobos, 2-3 de Abril de 1981, epigrafiado com uma frase do *Génesis*, I, 2 – “... e o espírito de Deus era levado sobre as águas”:

“Criador incriado, de ti mesmo nascido, / divino Espírito / que inspiras a mão que guia a pena e o pincel, / o cinzel que dá forma à bruta pedra / e constróis arquitecturas do som e da matéria! / De ti recebi o dom de ver e elaborar / com imaginação que o rigor tempera. / Quando ensino ou componho / sinto a tua tensão de mim se apoderar, / graças a ti vêm-me fluentes as palavras / e sempre trabalho em profunda alegria interior.”

Por outro lado nunca é demais dizer, Obrigado Mestre Orlando Ribeiro pela lição humanista que nos deste, pela herança científica que nos deixaste! Também são inesquecíveis as suas palavras: “Nunca procurei formar ninguém à minha imagem e semelhança e, se influenciei todos os que trabalharam comigo, deixei-lhes a maior liberdade de orientação dentro das exigências indispensáveis de rigor e reflexão” (*Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 1986, 6).